

Os Hospedes
da D. Epifania

Os Hospedes de D. Epifania

Peca em 3 actos, de

Vasco Mendonça Alves

Personagens

Epifania	—	Anelia Pereira	✓ Iny.
Adelia	—	Ester Lago	✓ Herminia
Maria José	—	Ilda Sticchini	
Ante Eugenia	—	Isabel Isidro	✓ Iny.
Ruiz Andrade	—	Assis Pacheco	✓ Carlos Lopes
Heliodoro	—	Alves da Costa	
Fausto da Fonseca	—	Alexandre Arzavado	✓
Chico	—	Barroso Lopes	✓ Rafael

actualidade

Estreada em
25-2-733

no Teatro de S. Carlos,
com sucesso.

O Porto
Antonio Andrade

39 representações
em Beja

(Uma sala. Duas breves paredes laterais e duas amplas, que se unem ao F. em angulo recto. A D., uma porta na 1.^a parede e a meio da 2.^a uma janela de sacada, com varos de flores e um caixote com uma vespereira. Pendurada na umbreira, uma gaiola com um canario. Cortinas e estore moderno. A E., uma porta na 1.^a parede e a meio da 2.^a uma outra, que comunica com um corredor, sobre o qual, e em frente desta, se vê uma 3.^a porta. A mobilia antiquada e gasta, de mogno estofado. A mesa ao C. A D., uma poltrona sumptuosa, de tapeçaria ou coiro, com um resto de perdida opulencia. Perto da janela, uma pequenina mesa de trabalho, tendo em cima varios papeis, livros, o necessario para escrever, telefone e uma jorra com violetas. Na pregada parede proxima, umas prateleiras com livros. A quebrar a fealdade e a tristeza do mobiliario, uma nota de elegancia moderna e fresca no arranjo, nas almofadas e trabalhos manuais).

Cena I

Adelia e Epifania

(A janela, aberta, deixa entrar o lindo dia de sol; as portas todas fechadas).

Adelia

(Sentada a mesa, junto da janela, em attitude de pensativa, com os olhos fixos nas violetas. O rosto encostado a mão esquerda. A mão direita segura a pena poiseda sobre uma folha em branco. A meia voz). As violetas... as violetas são... (Ruído de vozes a E. Enerva-se e logo se concentra). As violetas são?

(Novo barulho mais forte. Levanta-se agitado e dirige-se à porta da E. A.). É demais! Oh! (Abre a porta, de par em par, e vê-se D. Epifânia, em saia de baixo, um casaco, umaromeira encarnada sobre os ombros, e brandindo uma varrouca de cabo). O' mamã, que utilidade têm estas discursões? Ela vai-se embora e acabou-se.

D. Epifânia

(Entra com a varrouca, como se fosse um bastão). Eue desastinadas!

Adelia

(Para fóra). O quê?!... (Lairdo num acervo de desespero). O' sua malcriada!

Epif.

(Voltando à porta). Adelia! Deixa-a resmungar e ir-se embora!

Adelia

(Entrando numma grande excitação). Enerva-me! Não posso! Se a mamã ouvir a serie de audaciosas injustiças que ela acaba de proferir! (Vai rentar-se à mesa).

Epif.

(Muito nervosa, mas imponente). Socega. (Para fóra). Vá-se embora, vá-se embora... (Avançando uns passos para Adelia e com falsa naturalidade para ser ouvida fóra). Produziste?

Adelia

Ainda não! Euebrei o fio. (Ouve-se resmungar e o ar-

23

rastar duma mala. Fula, corre para a porta). Oh! Infame!!

Epif.

(Dramática, coloca-se entre a porta e a sêlia). Não passas!

a sêlia

Mbã! Mbã!

Epif.

Nunca! Não se discute com as criadas. Era o que faltava: o dize tu, direi eu! Não quero ouvir chamar nomes a ninguém! Isso é próprio de... gente turba. (Como se ouvisse algo que a irrita, volta-se num impulso para a porta e grita). Sua ordinária! Incoerente! Doida!

a sêlia

Mbã, não discuta! Não se rebaxe! Ene vergonha! (Ouve-se um estrondo). Atirou com a porta... (Rairosa e indo para sair). Ah! Vil! Mentecapta!

Epif.

(Impedindo a passagem). Mbã! Onde vai? Não se nivele!

a sêlia

Não passo com faltas de consideração. Uma descortezia desta ordem anula-me a serenidade.

Epif.

É esse feitiosinho que te consome, te amarelece e te inflama a visicula! E, sobretudo, evita que te cases. Na mulher, a paciência é uma grande base da virtude. Farto-me de te pregar. É como se falas-

se a uma parede! Espantas as criadas, espantas os rapazes, espantas o gato, espantas o canário!

Aélia

Quer dizer que sou um espantinho!?

Epif.

Ao contrario. És uma costela. abandonam-te com uma perna no ar ou uma asa partida.

Aélia

Está a mamã a contrariar-me! a sua opinião é que devo sofrer tudo com o melhor dos sorrisos. Uma criada é malcriada; em que lhe peça desculpa! Um rapaz namora-me e namora outra simultaneamente; em que me resigno e lho agradeça! O gato mia desvairadamente ou, como hoje, por exemplo, ronba o assado ainda em cru; e em que não lhe adapte ao lombo a palmada energica da punição educativa!

Epif.

Exactamente. Quero que a mácriação duma criada corresponda com o sangue-frio do diplomata; quero que se um namorado, como o Beliodoro, que é honesto, tem de ser e é de qualidade de cair em casa, emitir um olhar cupidines a outra que o mereça, porque é bonita ou maluca, não te invites e reconhecças, enquanto és solteira, que a obrigação dum homem é gostar de todas, como a nossa é gostar duma só. É pouco, mas mais vale ^{pouco} isto que na

da. Se a criada não respondesse mal, não era simplesmente criada, mas sim benfiteira. O namorado namora. Puderá! É por isso mesmo que ele é o namorado. Se não namorasse as outras, não te namorava a ti. O gato rouba e mia! Já se sabe. Quer naturalmente que ele prendesse os ladrões?... Então era polícia, não era gato. Ou que ladrasse? Nesse caso, era cão; não era gato.

Aselia

Os seus raciocínios despedaçam-me. Eu não sou doce d'ovos! — 1

Epif.

És Flit! Ninguém pode aturar-te! Tenho-me esvaído em admoestações maternas para conseguir a tua dita na abundancia e, por ventura, na opulencia em que foste gerada, criada, cultivada e robustecida até ao passamento de teu bom pai e meu presado marido. Estamos desprovidas de recursos monetarios. O espirito literario com que nos favoreceu a Providencia deve ser um meio para voar e não para pulularmos no charco, quais averinbas de asas quebradas. Eu substituí a penna pela varrouva domestica; tu tens de a substituir por um homem! (Uma irritada exaltação). Na mulher, a humildade, a resignação, a docura e a mavidade, são as virtudes da atracção, o chamariz dos papavos e as iscas piscatorias de infalivel resultado. Ouviste?

Adelia

Obesmo que estivesse enmurdecida, não deixaria de ter ouvido os seus gritos. Provavelmente o Heliodoro acordou!

Epif.

Cai em si, ligeiramente vexada, senta-se e diz num tom enternecido. O' Adelia, era conveniente telefonar ao Chico da leitaria para mandar a criada que nos indicou, não achas, filha?

Adelia

É uma boçal. Se o Heliodoro emburrar, vai-se embora e ficamos sem o unico hospede que temos nesta ocasião.

Epif.

Civilisa-se, admoesta-se... O Heliodoro é uma pessoa calma, fria...

Adelia

Na apparencia. Nas entranhas é um vulcão.

Epif.

(Viva e apreensiva). Como sabes que ele é interiormente vulcanico?

Adelia

Sei. a minha sensibilidade não me engana. É um violento, um inflamavel...

Epif.

Manifestou-te essa feição? Elucida-me.

Adel.

21

Acalme-se, mamã. Sou quem sou. Tenho-me recita-
do as minhas poesias e noto quanto ele sofre. Fica
inteiramente dominado. Quando ouve a delibrança
da das Fragas, aquela poesia em que batô o mesmo
ritmo, a mesma toda melodiosa e compassada e
insistente, invade-o um doce torpôr e... adormece.
Entem, quando começava a leitura do poema Amor
Maternal, duas lágrimas humedeceram os seus
olhos e pediu-me que não continuasse. Todo ele é
alma! *deixa a mãe*

Epif.

A sua alma não me preocupa; o pior é o corpo.

Aselia

Mamã, ponha de lado as coisas corpóreas!

Epif.

(ao telefone) 82237. — 2

Aselia

A mamã não deitou os 5 tostões na caixa. O telefone
é do Heliodoro e ele tem as chamadas contadas.

Epif.

Deixemos as coisas corpóreas. (ao telefone). Está? É da lei-
taria Aurora Azul? É o sr. Chico? Obrigada. Coisas de
intestinos. O costume. Ai, teve?! Esta madrugada? —
5?! — 1/2 litro. Não, o marido. Ah! sim, sim, com bata-
tas. No jogo da bola? Cica, a ^(tal) pequena que nos re-
comendou, muito fiel, geitosa, ainda não tem
casa? Trá-la cá? Bem, bem... Ene Loucura, o cine-

ma! - 1/2 litro. - Sim. - Adens! - agradecida! -
Adel.

Bonito! sempre vem o respêgo! Já não era bastante isto ser uma casa de hóspedes; agora é, também, co-
legio!

Epif.

Estás insuportável! Não queres fazer uma obra? Ai
tens uma criança, cujo espirito podes educar, ele-
vando-a acima de si mesma. E não é uma obra
poética, é, pelo menos, pia.

Adelia

Mamã, o seu despotismo tortura-me os nervos.

Epif.

Desce a vida, que é melhor.

Adelia

(ameaçadora). A mamã continua e eu tenho um ata-
que. Já sinto o calafrio preambular!

Epif.

O que tu sentes é mimso! Aviso-te: se tiveres um ata-
que, tenho outro igual. Experimenta! *desse ataque
mera*

Adelia

(Com um ligeiro grito, uma tremura e caindo numa cadeira a
E. da mesa). Ah!... (Entre chorosa e sufocada). Ai! Ai! Ai!

Adelinha! Epif.

(Aflita e correndo a Adelia). Tinha! Meu Deus! Estes ner-
vos tão vibráteis! *(Toca a campainha da porta. Acarinhando-a.)* Adelia... Onve... Onde está a bandeja dos ata-

ques?

Adelia

(Interrompendo um pouco as convulsões, quasi normal). No mes-
so quarto, em cima do toucador. (Pedindo). Agua...
(Epifania sai atarantada, pela E. B.)

Cena II

As mesmas e Luiz

Luiz

(Vem entrando timidamente, pela E. A., como procurando encontrar
alguem. Traja de preto, traz uma pequena mala de mão. Vê Adelia,
poisa a mala sobre a mesa e corre a roscorrê-la. Toma - the o pul-
so. Vai abrir a mala, tira um frasco de sais e vai aproxima-lo cui-
dadosamente do nariz de Adelia, pela D.). Então? Melhor?

Adelia

Ai! Ai...

Luiz

Que sente? Vai passando, não é assim?...

Adelia

(Com um suspiro de meio alivio). Ai!...

Epif.

(Entrando com um tableiro, coberto de renda, com varios frascos de
calmantes, garrafa de agua, copos, colheres e um guardanapo, que
vai colocar sobre a mesa). Estais melhor? (Aproxima-se de
Adelia, pela E., e observa-a rapidamente). É o ataque. (Come a
buscar um determinado frasco e uma colher, ~~que~~ enche ^{a colher} junto
dela, e dá - the a beber). Toma, filha! Vai! bebe tudo! (Na-
tural, a Luiz). Tem uns nervos esta pequena! Vou

sensibilidade delicada e uma imaginação fogosa
fazem-na sofrer com a mais leve contrariedade.

Luiz

Pobre sr.ª! algum desgosto?...

Epif.

Pequenas coisas sem importancia... (Entregando-lhe o
frasco e a colher e indicando, com o olhar, a mesa). Faz-me o
obsequio, sim?...

Luiz

(Pegando-lhes e colocando no taboleiro). Ora essa! (Volta logo).

Epif.

(Dando palmadinhas na mão direita de Adélia, enquanto Luiz
lhe toma o pulso esquerdo). Estava aqui sorrinha... tinha
estado a trabalhar...

Luiz

Trabalha para fóra?

Epif.

Para dentro. Meditações!

Luiz

(Sem perceber). Ah! Sim, sim...

Epif.

Depois...

Luiz

Alguma má notícia?...

Epif.

Não! Coisas que sucedem todos os dias...

Luiz

Infeliz com o marido...

Epif.

Marido?! Não tem.

Luiz

Ah! é solteira?!

Epif.

De nascença.

Luiz: Coi tudo isso!

~~Aselia~~

(Comparando-se na cadeira, completamente restabelecida e entrando na conversa naturalmente). A prosa da vida magôa-me enfastia-me... (Indicando uma cadeira a Luiz, enquanto D. Epif. fazia resenta a'E.). Tem a bondade...

Luiz

(Sentando-se). Muito obrigado!

Aselia

A minha neuro-susceptibilidade é duma impertinencia!... *(Ri)* Os nervos assaltam-me sob 3 formas distintas: o ataque, o deliquio e o enlevo ou eletariz extares.

Luiz

Ah! E qual prefere?

Aselia

A que foir mais adgrada ao momento.

Luiz

Atribulações, falta de occupação na vida, falta de assento...

Epif.